

**A MAGIA DAS PALAVRAS: EXPRESSÕES APOTROPAICAS
E ESTILIZAÇÃO DA SÚPLICA NA CANÇÃO “REZA”, DE RITA LEE**

Miriam Gurgel da Silva (UFC)

miriamgsax@hotmail.com

Rosemeire Selma Monteiro Plantin (UFC)

rosemeire.plantin@gmail.com

RESUMO

Esta discussão aborda as escolhas linguísticas conferidas à canção “Reza”, composta por Roberto de Carvalho e Rita Lee. A estrutura musical se organiza por meio de repetição de expressões de bênçãos do português popular (“Deus me proteja”, “Deus me salve”, “Deus me defenda” e “Deus me livre e guarde”), com efeito apotropaico e que integram o campo religioso popular brasileiro. As expressões presentes na canção aparecem relacionadas a lexias como “inveja”, “praga”, “raiva”, “veneno”, “fim”, “macumba”, cuja carga semântica é associada a aquilo que é culturalmente atribuído a ameaça, ao mal, a maldição. As expressões de bênçãos são usadas pelo sujeito lírico como fórmulas de proteção pelo eu lírico diante de um “você” ameaçador. O objetivo principal é investigar os usos, identificando as relações que estruturam a axiologia do sagrado e profano na letra, bem como compreender de que maneira a dualidade constitui sentidos. A discussão parte da identificação das expressões (Monteiro-Plantin, 2014) e de sua função pragmática (Austin, 1965; Searle, 1979). A partir disso, desenvolve-se a leitura, considerando as demarcações de valor axiológico e os efeitos de sentido produzidos. A análise aponta para uma narrativa poética marcada para a dualidade que é característica da cultura brasileira: de um lado, a expressão do sagrado, expresso na prece, nas fórmulas religiosas e na fé no símbolo de um divino; do outro lado, o profano, que emerge da coexistência com o sagrado. A canção sugere contradições e formas de hipocrisia que podem se manifestar na religiosidade, as quais são desveladas com o recurso da ironia.

Palavras-chave:
bênçãos. Expressões. “reza”.

ABSTRACT

This discussion addresses the linguistic choices present in the song *Reza*, composed by Roberto de Carvalho and Rita Lee. The musical structure is organized through the repetition of blessing expressions from Brazilian popular Portuguese (“Deus me proteja,” “Deus me salve,” “Deus me defenda,” and “Deus me livre e guarde”), which have an apotropaic effect and are part of the Brazilian popular religious sphere. The expressions in the song appear alongside lexemes such as “inveja” (envy), “praga” (curse), “raiva” (anger), “veneno” (poison), “fim” (end), and “macumba,” whose semantic load is culturally associated with threat, evil, or curse. The blessing expressions are used by the lyrical subject as protective formulas against a threatening “you.” The main objective is to investigate their uses, identifying the relations that structure the axiology of the sacred and the profane in the lyrics, as well as understanding how this duality generates meaning. The discussion starts from the identification of expressions (Monteiro-Plantin, 2014) and their pragmatic function (Austin, 1965; Searle, 1979). From this, a stylistic reading, taking into account the demarcations of axiological value

and the effects of meaning produced. The analysis points to a poetic narrative marked by the duality characteristic of Brazilian culture: on one hand, the expression of the sacred, manifested in prayer, religious formulas, and faith in the symbol of the divine; on the other hand, the profane, emerging from its coexistence with the sacred. The song suggests contradictions and forms of hypocrisy that can manifest in religiosity, which are revealed through the use of irony.

Keywords:
Blessings. Expressions. “Reza”.

1. Introdução

A discussão parte da observação das escolhas linguísticas e expressivas presentes na canção Reza, composta por Rita Lee e Roberto de Carvalho, cuja letra articula expressões e lexias com valores axiológicos relacionados ao que se entende popularmente como sagrado e profano, bem e mal, bênção e maldição. As expressões de bênçãos do português brasileiro, presentes nos versos da canção, possuem propriedades funcionais de súplica e de proteção (apotropaica), podendo ser caracterizadas como súplicas autodirigidas, voltadas à autoproteção do eu lírico, bem como heterodirigidas, quando direcionadas ao “outro”, assumindo efeitos de maldição. O outro, com “o” minúsculo, representa a figura antagonista, o polo oposto do sujeito lírico, existente dentro da estrutura narrativa da obra.

Antes de iniciarmos a discussão, é fundamental ter em mente a noção de enunciado e de dialogismo. Parte da notoriedade dos estudos da enunciação na história da linguística é atribuída a Émile Benveniste (1995), que introduziu a ideia geral de enunciação. Para Dessons (2006), o que Benveniste propõe como conceito geral de enunciado se configura como a materialização linguística de uma instância de discurso na qual um locutor se constitui. Badir, Polis e Provenzano (2020) destacam que Benveniste não elaborou uma teoria sistemática da enunciação como a entendemos hoje, apesar de seu pensamento original ter sido posteriormente denominado Teoria da Enunciação. Na realidade, Benveniste abre discussões gerais sobre enunciação, considerando o resultado do processo pelo qual o sujeito se inscreve na língua.

A língua, enquanto sistema, constitui-se como um conjunto de regras, formas e possibilidades disponíveis na memória coletiva dos falantes. Por meio da enunciação, a língua se torna efetiva: “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua” (PLG II, p. 84). A efetivação do uso da língua é o que Benveniste denomina instância de discurso, ou seja, o momento em que o locutor faz uso da língua para produzir sentido e interagir com um outro (alocutário).

A enunciação é essencialmente interativa e dialógica, uma vez que parte de um locutor, mas pressupõe também um alocutário, instaurando o circuito comunicativo. É na apropriação do aparelho formal da língua que a (inter)subjetividade se manifesta, permitindo ao sujeito enunciar-se como “eu” diante de um “tu”. Dessa forma, as marcas de subjetividade se dão por meio de “índices específicos” (PLG II, p. 84), tais como pronomes pessoais, advérbios de tempo e de lugar, além de estilo, entonação, escolha lexical e outras estratégias discursivas e pragmáticas.

Com base em Bakhtin, que propôs o conceito de dialogismo, todo enunciado é uma resposta a outros enunciados. Isto é, toda palavra emerge do uso social e carrega consigo marcas históricas, ideológicas e afetivas acumuladas ao longo do tempo, mesmo que essas marcas não se apresentem explicitamente (Authier-Revuz, 1994). Essa heterogeneidade enunciativa é constitutiva e faz parte da própria natureza da linguagem. Quando alguém diz “Credo!”, “Deus me livre”, “Ave Maria!” reativa discursos e usos anteriores acumulados na memória coletiva. O enunciador pode não ter consciência plena dessas marcas, mas as vozes que compõem a enunciação estão inscritas nos entrecruzamentos interdiscursivos. Da mesma maneira, as ocorrências dessas expressões em diferentes contextos situacionais também estão abertas a reinterpretações, devido à natureza dialógica da linguagem e à heterogeneidade constitutiva do discurso, que permitem a recontextualização de novos sentidos conforme condições de enunciação.

Portanto, toda vez que alguém fala, não fala sozinho e está respondendo a discursos anteriores e antecipando sentidos futuros. Dito isso, elencamos o papel da heterogeneidade discursiva em cinco funções e que constituem a base desta discussão:

- (i) o sentido é social e histórico, se estabelece na relação interdiscursiva e não pertence unicamente ao sujeito enunciador;
- (ii) heterogeneidade discursiva se inscreve na memória interdiscursiva, ou seja, num acervo de discursos previamente armazenados na memória coletiva dos usuários;
- (iii) a heterogeneidade discursiva é o que torna possível o próprio ato de enunciar;
- (iv) sem heterogeneidade discursiva o ouvinte/leitor não teria como ativar interpretações entre o que é dito e o que é retomado, contestado, silenciado ou ironizado, etc;

- (v) a heterogeneidade permite ao analista perceber de onde o sujeito fala (sua posição ideológica), que discursos ele retoma ou combate, como o sentido é construído e/ou disputado.

Com esta discussão, pretende-se contribuir para novos debates e diálogos acerca do discurso e dos usos de fórmulas tradicionalmente associadas ao sagrado. Ressalta-se que a intenção não é adentrar o campo axiológico do bem e do mal, do sagrado e do profano, do divino e do infernal, ou da bênção e da maldição, tampouco julgar valores de ordem religiosa ou moral. O objetivo é compreender como as expressões funcionam na situação concreta de enunciação, em relação às vozes, posições e valores que estão em jogo naquele contexto discursivo-pragmático da canção.

Parte-se do pressuposto de que o sentido depende das condições de enunciação e da posição do sujeito no ato de dizer; no caso da música, o sujeito enunciador é o eu lírico. Dessa forma, a expressão “Deus me perdoe” pode representar valores de súplica, ironia, humor ou crítica, dependendo dos elementos que compõem seu sentido pragmático. Além disso, entende-se que a retomada de expressões de bênçãos preexistentes na canção evidencia o princípio de interdiscursividade, segundo o qual todo dizer é um diálogo com outros dizeres, explícitos ou implícitos.

Desse modo, a voz que organiza o dizer dentro da poética em “Reza” faz ecoar a multiplicidade de vozes, revelando a dimensão polifônica e interdiscursiva da linguagem. Pressupõe-se ainda que a maneira como o sujeito lírico utiliza as fórmulas do português que compõem o campo semântico do sagrado pode reafirmar ou tensionar valores dominantes na sociedade. Nesse sentido, o discurso também reflete ideologias, mostrando que a língua não é um sistema neutro de signos.

2. A performatividade do sagrado: O que o sujeito faz ao dizer?

Com base na pragmática e nos atos de fala em Austin (1965) e Searle (1979), iniciamos a discussão reconhecendo a linguagem em uso e sua dimensão discursiva dentro dos diferentes tipos de atos. O ato locucionário corresponde o ato linguístico do enunciado. É o ato de dizer, a qual envolve a significação (o sentido literal), mas sem considerar a força pragmática ou os efeitos de sentido que o ato pode gerar na interação. Na expressão “Deus abençoe!”, comum no português popular cotidiano, o ato locucionário consiste do conteúdo proposicional do enunciado e no seu sentido de referência, a saber: pedido de bênção a alguém. O ato ilocucionário, por sua vez, refere-se à ação que se realiza ao enunciar. Isto é, o que o sujeito falante faz com

essa expressão (ato de abençoar alguém). É o ato ilocucionário que confere a força pragmática da fala. Por fim, o ato perlocucionário diz respeito aos efeitos que o enunciado suscita no co-enunciador, efeitos que são contingentes à situação de comunicação.

Em termos pragmáticos, a força de um enunciado depende do contexto e da intenção comunicativa do sujeito. A expressão “Vai com Deus!”, por exemplo, pode assumir diferentes valores ilocucionários. Quando uma mãe preocupada, dirige a expressão ao filho, antes de ele sair de casa, realiza um ato de bênção e despedida afetuosa, transmite o cuidado e proteção entre os agentes da situação. O ato ilocucionário manifesta sentimento com valor axiológico considerado socialmente enquanto positivo.

Já em um contexto ritual, como numa celebração religiosa, com sujeitos que compartilham da mesma crença religiosa, a mesma fórmula adquire dimensão performativa de natureza espiritual, em que há efeito de partilha e comunhão entre os participantes. Por outro lado, quando dita em tom de rancor ou ironia (como em “vai com deus”, acompanhada da estrutura “e nunca mais volte”) o enunciado inverte o valor que era inicialmente associado ao cuidado, proteção, comunhão e bênção, e assume força ilocucionária que tende a provocar afastamento, mágoa ou ressentimento.

As expressões supracitadas “Vai com Deus!” e “Deus abençoe!” pertencem ao repertório de fórmulas convencionais associadas ao campo do sagrado no português brasileiro (Lima, 2017), realizam atos de bênção e são usadas para expressar cuidado em uma situação comunicativa de despedida afetuosa. Na perspectiva da Fraseologia, campo que tem interesse no estudo das unidades fraseológicas da língua, tais expressões configuram-se como fórmulas conversacionais, fórmulas de interação social e pragmatemas, uma vez que seu uso é regido pelo contexto situacional (pragmática), e não exclusivamente por regras semânticas (Monteiro-Plantin, 2012).

A classificação funcional do pragmatemas, de modo geral constitui-se por dois tipos: fórmulas de rotina e fórmulas discursivas (Pinheiro, 2015). As fórmulas de rotina são as expressões rotineiras, repetidas socialmente e são estáveis em sua forma. As fórmulas de rotina ocorrem em situações comunicativas recorrentes e possuem fixação formal. Por exemplo: “Bom-dia!”, “Com licença.”, “Obrigado!”, “Prazer em conhecê-lo.”, “Deus te abençoe!”. As fórmulas discursivas, não apresentam função social direta, como saudar ou agradecer, mas ajudam a organizar o próprio discurso e mantêm a coesão e a interação conversacional (“Quer dizer”, “Então”, “Olha”, “Tipo assim”, “Digamos que”, “Enfim”, “Sabe?”).

É no nível pragmático que concentrarmos nossa discussão, haja vista que é nesse nível que se manifesta a dimensão performativa e interacional do

ato de dizer (ilocucionário) e do ato de afetar sentidos (perlocucionário). Assim, interessa-nos observar a forma pela qual as fórmulas cristalizadas do português, em especial aquelas vinculadas ao campo semântico do sagrado, funcionam como atos de fala convencionados, ou pragmatemas, cujos usos estão presentes na oralidade popular, em rezas, saudações e músicas, constituindo um patrimônio linguístico que expressa parte da identidade brasileira.

No nível pragmático, os pragmatemas (Monteiro-Plantin, 2012) estão classificados entre os marcadores conversacionais – expressões usadas para organizar a fala, manter o turno de fala ou negociar sentidos durante a conversa – e as fórmulas, isto é, expressões que aparecem em situações sociais e comunicativas específicas. As fórmulas dividem-se em:

Quadro 1: Classificação das fórmulas com base em Monteiro-Plantin (2012).

FÓRMULAS	TIPO	FUNÇÃO	EXEMPLOS
	Epistolares	Usadas em cartas e e-mails formais	prezado senhor, sem mais para o momento, queira desconsiderar etc.
	Religiosas	Ligadas ao campo do sagrado , expressam fé, bênção ou resignação	assim seja, a paz de Cristo, se Deus quiser, deus te pague etc.
	Ritualizadas	Usadas em rituais sociais (festas, celebrações)	um brinde, meus parabéns, feliz páscoa, feliz Natal etc.
	Situacionais	Aparecem em contextos institucionais ou públicos	Proibido estacionar, acesso exclusivo a..., passagem obrigatória etc.
	De rotina	Expressam cortesia/polidez	com licença, pois não, tenha a bondade etc.
		Expressam descortesia/ im-polidez	cai fora, vai se danar, azar seu, tô nem aí etc.

Fonte: elaborado pela autora.

No presente trabalho, interessa-nos especificamente analisar as fórmulas religiosas das expressões ligadas ao campo do sagrado. A bênção pressupõe uma relação de solidariedade, proteção ou benevolência, ancorada dentro do sistema que compõe o dossel sagrado (Berger, 1985). Berger afirma que, nas sociedades tradicionais, o dossel sagrado – metáfora utilizada para descrever o sistema de significados que, ao longo da história, cobriu e deu sentido à experiência humana – apresentava caráter totalizante, abrangendo aspectos da vida, da morte, da moral, da política e da natureza.

Mesmo diante do processo de secularização, fenômeno característico da modernidade em que a sacralidade perde gradativamente sua centralidade, a utilização de expressões relacionadas ao sagrado, inclusive por pessoas que se consideram agnósticas ou não religiosas, confirma a legitimação do dossel

sagrado em práticas cotidianas. Quando alguém diz “vai com deus” sem necessariamente acreditar no divino representado na expressão, o que ocorre é a sobrevivência do dossel sagrado na forma linguística e cultural.

A força ilocucionária, ou seja, a capacidade das expressões de produzir efeitos no mundo social, não depende unicamente da fé do sujeito do discurso – seja pai de santo, mãe de santo, benzedeira, padre, bispo ou pajé –, mas apoia-se no patrimônio simbólico e cultural historicamente compartilhado, garantindo a inteligibilidade e eficácia do ato. Mesmo quando proféradas em contextos secularizados, essas expressões continuam funcionando, pois estão inscritas em uma tradição cultural que lhes confere legitimidade, independentemente da adesão pessoal às crenças ou superstições que lhes deram origem.

Esse ponto corrobora a discussão apresentada no tópico anterior sobre a heterogeneidade constitutiva do discurso e da memória interdiscursiva. O sujeito enunciador reativa usos anteriores inscritos na memória coletiva e mobiliza valores culturais compartilhados. Mesmo sem plena consciência das vozes que o atravessam, o sujeito participa da cadeia enunciativa, na qual o sagrado, o profano, o afetivo e o ideológico se entrecruzam, compondo o enunciado.

Passemos à discussão acerca das expressões presentes na canção “Reza⁸” (2012), de Rita Lee. A canção serve como exemplo dos modos expressivos das fórmulas do sagrado no português brasileiro.

3. Expressões apotropaicas e estilização da súplica na canção “Reza”

O relato de Roberto de Carvalho sobre o processo de criação por trás da canção “Reza” está disponível em sua página do *Instagram*, disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C9k5AAJx4of/>. Segundo o relato do compositor e produtor, a letra foi inicialmente intitulada “Reza Brava”, sendo escrita por Rita Lee que é também a interprete da versão musicada. Na primeira versão musical que constitui a harmonia, ritmo, tessitura melódica e tonal, as características estruturais foram elaboradas para constituir o que Roberto chamou de “canto evangélico”. No entanto, a mudança na estrutura musical para o *doo-wop*, gênero de origem afro-americana com a influência do blues e swing, foi feita após diálogo com Rita, segundo o qual não ficou satisfeita com a versão inicial.

⁸ Vídeo com a música na íntegra, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pmOrZ5hvcoE>.

O relato de Roberto de Carvalho sobre o processo de musicalização foi apresentado, em primeiro lugar, para demonstrar como se deu a negociação dos efeitos de sentido, uma vez que a obra artística se constitui do resultado das decisões, negociações e reelaborações entre os artistas; e, em segundo lugar, para ilustrar como essas escolhas se concretizam no processo criativo. A seguir, apresenta-se o texto poético que compõe a letra da canção:

“Reza”

Deus me proteja da sua inveja
Deus me defende da sua macumba
Deus me salve da sua praga
Deus me ajude da sua raiva
Deus me imunize do seu veneno
Deus me poupe do seu fim

Deus me acompanhe (Deus me acompanhe)
Deus me ampare (Deus me ampare)
Deus me levante (Deus me levante)
Deus me dê força (Deus me dê força)

Deus me perdoe por querer
Que Deus me livre e guarde de você

Cada verso inicia-se com a invocação ao divino “Deus me...”, seguida dos verbos “proteja”, “defenda”, “salve”, “ajude”, “imunize”, “poupe”, “acompanhe”, “ampare”, “dê” <força>, “perdoe”, “livre” e “guarde”. O arranjo anafórico com as expressões que iniciam os versos, contribui para firmar ritmo que conduz a melodia, reforçando a cadência comum das rezas populares. Segundo pesquisas de cunho etnolinguístico (Bezerra, 2005; Reis, 2023; Pereira, 2025), nas rezas, simpatias e benzeções, a repetição constitui um recurso essencial do ritual. Musicalmente, a reiterada invocação reatualiza a tradição oral das rezas e benzeduras brasileiras. De maneira concomitante, os vocais de apoio (*backing vocals*), que acompanham a voz principal na interpretação de Rita Lee, contribuem para criar uma camada sonora que remete às rezas e cantos comunitários. Cada repetição de “Deus me” seguida dos verbos recria o caráter coletivo da reza popular e ajuda a compor a semântica central: súplicas autodirigidas, voltadas à autoproteção do eu lírico.

As expressões apotropaicas são aquelas que possuem carga semântica e função pragmática protetiva. Na canção, tais fórmulas se realizam por meio de pedidos dirigidos a uma instância superior (Deus). Em “Reza”, as expressões apotropaicas são:

Deus me proteja <da sua inveja>

Deus me defende <da sua macumba>

Deus me salve <da sua praga>
Deus me ajude <da sua raiva>
Deus me imunize <do seu veneno>
Deus me poupe <do seu fim>
Deus me livre e <guarde de você>

Do ponto de vista ilocucionário, cada dizer constitui um fazer: pedir a bênção, invocar a proteção divina e estabelecer a separação entre o eu e o outro. No plano perlocucionário, essas expressões produzem efeitos de alívio, purificação e segurança no eu lírico que as profere, ao mesmo tempo em que projetam afastamento e resistência frente à ameaça. A tensão se revela entre o eu lírico e o “você” ameaçador no conteúdo semântico das lexias que surgem após os verbos (“inveja”, “macumba”, “praga”, “raiva”, “veneno”, “fim”, “você”), todas associadas ao campo semântico do que se comprehende culturalmente no imaginário brasileiro como forças negativas.

Não se trata aqui de discutir o status axiológico do que é “bem” ou “mal”, “sagrado” ou “profano” mas é importante pontuar que as representações das maldições nas credices e superstições do imaginário popular brasileiro foram difundidas desde o período colonial e se consolidaram pelo sincretismo religioso entre o catolicismo romano, as tradições afro-brasileiras e indígenas. Quando o eu lírico diz *“Deus me salve da sua praga”* há a ativação do conjunto de possibilidades disponíveis na memória coletiva da comunidade linguística que torna a língua efetiva. O sujeito lírico, ao enunciar, se inscreve numa cadeia discursiva heterogênea, na qual convivem o sagrado e o profano, a crença e superstição. O ato de dizer, nesse caso, é também um modo de reiterar práticas linguístico-culturais que remontam ao sincretismo religioso brasileiro.

Já as enunciações cujas expressões não se constituem como apotropaicas, ou seja, não apresentam como função pragmática afastar diretamente algum mal: “Deus me acompanhe”, “Deus me ampare”, “Deus me levante”, “Deus me dê força” e “Deus me perdoe por querer”. Nesses casos, o efeito ilocucionário consiste na invocação autodirigida da presença deste divino como sustentação e fortalecimento do eu lírico diante das adversidades. Dentro desse circuito enunciativo, tais fórmulas reconfiguram a cena para o fortalecimento interno e a reafirmação da relação pessoal com o divino representado na canção. Através dessas invocações, o eu lírico reinscreve-se na tradição discursiva de fé, típica da cultura brasileira.

Por fim, os dois últimos versos: “Deus me perdoe por querer, Que Deus me livre e guarde de você” destaca a ambiguidade que adiciona o efeito irônico da canção. Em termos da Pragmática funciona como um ato de fa-

la ambíguo. O eu lírico, em seu ato de confissão, solicita perdão ao divino; contudo, o que motiva o pedido é, paradoxalmente, o desejo de retaliação. Ou seja, a invocação de perdão em “Deus me perdoe” revela o desejo do eu lírico, que, embora sutil, contrasta com a norma moral implícita do sagrado, a qual proíbe desejar o mal ao outro. O enunciado combina dois atos em tensão: o ato de confissão, que pressupõe arrependimento, e o ato de rejeição, que manifesta a vontade de que o outro se prejudique e sofra a maldição. É nesse jogo entre piedade e desejo de vingança que emerge a ironia.

4. Considerações finais

A discussão empreendida permite compreender as associações semânticas das expressões apotropaicas no português brasileiro. Observou-se que as fórmulas de bênçãos, inscritas em um contexto artístico e secularizado (Berger, 1985), permanecem ativas no repertório linguístico, confirmando a continuidade do dossel sagrado. Além disso, evidenciou-se que o resgate dessas fórmulas pelo sujeito enunciador mobiliza uma memória discursiva coletiva, historicamente sedimentada na cultura brasileira.

A heterogeneidade discursiva garante a vitalidade e a reinterpretação dessas expressões em diferentes intercontextos, como na Música Popular Brasileira. A poética de Reza estiliza a linguagem comum das rezas, valendo-se da repetição, da invocação e da musicalidade. A magia das palavras manifesta-se na capacidade do usuário da língua em criar efeitos de sentido; ao fazê-lo, Rita Lee recontextualiza o léxico do sagrado na canção e subverte seu uso prototípico, transformando em ironia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, John L. *How to do Things with words*. New York: Oxford University Press, 1965.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Hétérogénéité(s) Énonciative(s)*. Langages, Paris: Larousse, 73, p. 98-111, 1984.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Revisão de Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas-SP: Pontes, 1995. Originalmente publicado em 1966.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução de José Carlos Barcellos. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1985.

XXVIII CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

BEZERRA, Maria Luzinete. *Sagradas Mulheres: mistérios, rezas e bênçãos. Uma história de Caruaru-PE*. Recife: UFPE, 2005. 246p.

DESSONS, G. *Émile Benveniste: l'invention du discours*. Paris: Éditions In Press, 2006.

LIMA, Maria Viviane Matos de. *O sagrado e o profano nos fraseologismos do português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2017. 92f.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemire. S. Gastronomismos linguísticos: um olhar sobre fraseologia e cultura. In: ORTIZ ALVARES, M.L.; UNTERN-BAUMEN, E.H. (Orgs). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas-SP: Pontes, 2011.

_____. *Fraseologia: era uma vez um Patinho Feio no ensino de língua materna*. V.1. Fortaleza: UFC, 2012.

PEREIRA, Mauricio Alves de Souza. *Ramos, carvões, saberes e tradições: o léxico das benzedeiras na região de Salinas/MG*. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2025. 258p.

PINHEIRO, Marilene Barbosa. *Por um dicionário eletrônico de pragmatemas do português brasileiro: levantamento, descrição e categorização*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2015. 156f.

REIS, Natália de Paula. *Bênçãos que curam: uma análise da interação comunicativa em rezas e benzeduras populares*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2023. 161p.

SEARLE, John R. *Expression and meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.